

# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

## RELATO

### O ENSINO DE JORNALISMO PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL SEVERA NA UNISECAL

Helton Costa<sup>1</sup>; [helton.costa@secal.edu.br](mailto:helton.costa@secal.edu.br)

## RESUMO

Este relato tem como objetivo mostrar como foi/está sendo o processo de adaptação, ensino e aprendizado do aluno Gabriel Felipe Fonseca, do 7º período de Jornalismo do Centro Universitário Santa Amélia – UniSecal, de Ponta Grossa/PR. Gabriel nasceu com deslocamento de retina e desde então, nunca enxergou, sendo 100% cego. O presente texto mostra como foi a adaptação do curso, dos professores e alunos para receber o discente.

## PALAVRAS-CHAVE

Ensino. Jornalismo. Pessoas com deficiência. Metodologia. Deficiência visual.

## 1. INTRODUÇÃO

Todo processo de educação que se deu em torno do aluno começou com uma visita do pai e da mãe dele, antes que as aulas iniciais. Com isso, bem antes do vestibular, a faculdade já se preparava para recebê-lo. Tivemos acompanhamento dos pais, do próprio aluno e dos representantes da associação da qual ele participa, a Associação de Pais e Amigos de Deficientes Visuais - Apadevi. Nessas visitas foram apontados caminhos que deveriam ser tomados no caso da aprovação do mesmo no vestibular.

Jornalismo não era a primeira opção da família, apenas do aluno. Por isso, ao mesmo tempo em que conheciam o curso, os pais tentaram tirar da cabeça dele a ideia de prestar vestibular, uma vez que tinham receio de que as

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná – UTP, com estágio pós-doutoral em História pela Universidade Federal do Paraná; coordenador e professor no curso de Jornalismo do Centro Universitário Santa Amélia – UniSecal. E-mail: [helton.costa@secal.edu.br](mailto:helton.costa@secal.edu.br).



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

adaptações não fossem suficientes para recebê-lo com qualidade. A proposta deles para o filho era que continuasse na escola em que havia feito o Ensino Médio e que tinha o curso de Pedagogia, pois, lá já havia adaptações para alunos cegos.

Porém, como era um sonho antigo do jovem fazer Jornalismo e seguir a carreira, ele não desistiu. Logo, o primeiro desafio foi convencer a família de que ele seria capaz de acompanhar os colegas e de que a faculdade estaria adaptada.

O primeiro momento de inclusão real foi o vestibular, que precisou ser feito em Braille. Ele respondeu via computador. Foi a primeira vez que a equipe teve contato com o software de voz que o aluno utiliza, o NVDA. Aprovado, o aluno se matriculou e começaram as movimentações internas dentro da Unisecal para que ele fosse recebido dentro de seus direitos.

Na parte estrutural foram colocadas placas em Braille e piso tátil, sempre sob orientação da Apadevi. Como coordenador, a primeira medida que tomei foi me informar sobre o assunto, para poder passar orientações em reunião Colegiado do curso. Em seguida, começamos a discutir quais seriam as melhores maneiras de trabalharmos para que ele não tivesse necessidade de ser excluído de qualquer das atividades do curso e conseguisse participar como qualquer outro aluno de todas as etapas da formação jornalística.

As maiores dificuldades apresentadas em relação ao ensino, surgiram com os professores que trabalhavam com imagem, principalmente fotojornalismo e televisão. Na parte de web, por haver um trabalho maciço há algum tempo na área, foi tranquilo para tocar no trabalho, porém, da mesma forma, por ser uma plataforma multimídia, exigiu do professor uma adaptação na metodologia de ensino.

A professora de design, Ligiane Malfatti, também teve problemas, pois deveria explicar ao aluno como fazer um jornal, porém, sem utilização de recursos visuais gráficos. Foi então que entrou em ação a técnica pedagógica Thaís Ferreira, que pesquisou em outras faculdades, junto com a professora, as



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

formas de trabalho que poderiam ser aplicadas. No entanto, para jornalismo nada encontraram.

Por isso, elas mesmas conseguiram desenvolver técnicas para que Gabriel pudesse ser incluído. Coube a elas a adaptação de jornais e revistas para que tivessem alto relevo e códigos que pudessem ser interpretados pelo jovem no lugar das imagens. Para isso usaram materiais como cola, fitas, papelão, cartolina, barbantes, adesivos, entre outros, tudo para ele poder literalmente sentir o material impresso. Creio que hoje, o mesmo conseguiria fazer tranquilamente a programação visual de um jornal, apenas levando em consideração as partes imagéticas com alto relevo.

Em fotografia, o trabalho foi desenvolvido pela professora Maria Fernanda Cordeiro que, mais uma vez, junto com Thaís Ferreira, desenvolveu técnicas para que o mesmo pudesse fotografar utilizando o próprio celular que possui. Essa técnica consiste em identificar o objeto com as mãos, fazer um enquadramento de altura do mesmo e com alguns passos calcular a distância focal, podendo fazer a imagem de maneira que não haja prejuízo. O clique do celular garante que a mesma foi registrada. Além do mais, o celular também possui um aplicativo de voz que o auxilia a encontrar o material fotografado.

Na parte de televisão, eu desenvolvi o trabalho. Mais uma vez a Taís, com a ajuda do técnico educacional, Igor Kreinski, atuaram como descritores para que Gabriel pudesse através dos olhos deles, interpretar o que estava sendo passado em sala de aula. A única impossibilidade do jovem, foi realizar filmagens, pois, mesmo utilizando as técnicas de fotografia para a distância focal e enquadramento, em alguns momentos haveria e haverá restrições. Por exemplo, quando em imagens que exigem movimentação de câmera do repórter.

Quanto ao Gabriel repórter, não há o que tirar de qualquer outro aluno. A observação que se faz, é sobre algumas manias que ele possui, como por exemplo, mexer rapidamente a cabeça e as mãos enquanto fala. Esses tiques



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

estão sendo corrigidos com ajuda da Apadevi, acompanhamento dos técnicos educacionais e da coordenação, uma vez que são reflexos de certa forma involuntários que ele executa. Cabe ressaltar que Gabriel já participou de coberturas onde atuou como fotógrafo, como por exemplo, a Copa Nacional de Basquete e, também, como jornalista de TV entrevistando e fazendo passagem, sem nenhum prejuízo de ensino ou aprendizado.

Nas disciplinas mais técnicas e mais teóricas, Gabriel consegue se destacar e é um aluno que tem uma média entre oito e 10. Como a visão foi afetada desde a infância, outro sentido se destacou: a memória, que é bastante apurada. Ele consegue lembrar das aulas, de certa forma, até melhor do que muitos alunos ali presentes, as vezes comentando algo em aula que nem nós professores lembramos ter dito. Essa memória é ativada também, porque a ele é permitido gravar as aulas, que ele escuta em casa mais uma vez. Ele usa um pequeno gravador de mão.

## 2. ADEQUAÇÕES

Como dissemos no começo, na parte de adaptação das estruturas físicas, a Unisecal precisou mapear todos os caminhos que eventualmente Gabriel poderia percorrer, colocar piso tátil em todos eles e placas indicativas em Braille na sala de aula. Ele precisou de uma mesa maior onde coubesse um notebook e o aparelho de gravação, que mesmo sendo pequeno exige ser deixado próximo do professor ou de quem está falando.

Quanto aos alunos, a turma precisou se adaptar a Gabriel, que no começo do curso, talvez como forma de afirmação própria, buscava comentar sobre quase tudo que lhe era apresentado, o que de certa forma fazia com que os alunos ouvissem com ressalvas, pois, ele participava tanto das aulas que às vezes os colegas se sentiram prejudicados, porque só ele queria falar. Com o tempo, Gabriel foi mudando e se adaptando a falar apenas nos momentos de fala dos



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

alunos, sempre com opiniões bem fundamentadas e baseadas em leituras e no conteúdo da própria aula.

Não houve, por parte dos alunos, um sentimento de coitadismo. Pelo contrário, em todo momento os alunos e trataram de igual para igual inclusive em discussões. Cito como exemplo, as últimas eleições de 2018, em que Gabriel tinha um candidato e boa parte da turma era contra esse candidato. As discussões, quando aconteciam, em momentos de intervalo, fora da aula, eram sempre respeitadas entre ambos os grupos e os dois lados colocavam o que pensavam. Enquanto coordenador, eu apenas observava para que não houvesse excessos, afinal, o ambiente acadêmico deve ser um espaço de circulação de pensamentos diversos, não cabendo a professores ou alunos a censura de pontos de vistas diferentes dos seus.

Para chegar à faculdade, o pai de Gabriel o deixa na frente da instituição ou mesmo acompanha o aluno até a sala de aula. Quando as aulas terminam, algum colega sempre se oferece para acompanhar Gabriel ou nós professores o fazemos. Isso quando o pai não vem mais cedo e o encontra em sala de aula.

Falando especificamente das aulas de TV, nas quais fui professor de Gabriel, posso dizer que as maiores dificuldades que tive não foram quanto a parte técnica, mas sim quanto à parte de planejamento de aula. Isso porque as aulas deveriam sempre ser planejadas com pelo menos uma semana de antecedência e quando utilizados slides os mesmos deveriam estar em formato PDF ou pptx, que podem ser lidos pelo NVDA.

Esses slides são mandados para o aluno via e-mail, assim ele já vai com o material lido para a sala de aula. O mesmo se dá com os conteúdos para prova que são disponibilizados na plataforma AVA. Essa plataforma já vem desenvolvida com acessibilidade para pessoas com deficiência visual, facilitando assim o trabalho da Unisecal, que contratou o serviço.

O material disponibilizado na plataforma deve obrigatoriamente estar em PDF ou em Word. E caso de slides em pptx, conforme citado anteriormente.



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

Com isso os professores foram obrigados a realmente pensar o que dariam em sala de aula, não havendo tempo para improvisações.

Nos dias de provas, Gabriel pode usar o computador, para responder a prova que lhe é entregue em Word. O notebook fica sem conexão à internet. Ele digita a resposta da opção quando de múltipla escolha ou redige quando se trata de questão dissertativa.

O professor que aplica prova para Gabriel deve estar ciente que o mesmo realizará a prova em um tempo um pouco maior do que os outros, em média 30% a mais de duração. Também deve saber que deverá estar com um dispositivo móvel para que realize a subtração da prova do computador do aluno para seus arquivos. Apenas uma vez nesses três anos e meio, ocorreu de haver um arquivo que se corrompesse e o professor fosse obrigado a atribuir nota ao aluno por meio de outro trabalho, já que havia perdido a prova.

Já nas aulas, quando necessário a utilização de imagens sem movimento, como fotos cartazes e outros, o professor deve ter o cuidado para descrever a Gabriel do que se trata e a posição dos objetos e pessoas na cena. O que complica um pouco é que Gabriel nunca enxergou cores e por mais que lhe falem que algo é de determinada cor, ficará difícil que o mesmo consiga ter uma imagem mental daquilo, uma vez que, não as conhece desde quando nasceu.

No curso, tivemos mais uma aluna com deficiência física, porém, a deficiência era nos membros inferiores, com a síndrome de Burnout, sem prejuízo para a parte intelectual ou mesmo locomoção e ainda que o grau de deficiência visual fosse alto, ela conseguir enxergar e detectar cores e movimentos, enquanto Gabriel, por sua vez, fica dependente dessa descrição que é feita por parte dos professores e mesmo dos colegas.

Nos trabalhos em grupo, por exemplo, quando há imagem, cabe a ele perguntar aos colegas do que se trata e tentar escrever da melhor maneira que encontre aquilo que está sendo dito.



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

Por outro lado, nas aulas de Espanhol, que eu também fui professor de Gabriel, ele foi um dos alunos que mais se destacaram, pois, conseguia falar o idioma castelhano sem muita dificuldade, fazendo um trabalho melhor do que o de muitos colegas. Ele conseguia distinguir, por exemplo, os vários sotaques presentes no idioma na América Latina, diferenciando quando era um argentino um mexicano, um uruguaio ou um paraguaio falando o idioma de Cervantes.

Porém, quando eram apresentados os clipes de músicas latinas em espanhol, mais uma vez entravam em cena os técnicos de laboratório. A já citada Taís Ferreira ou o técnico de estúdio, Igor Kreinski, sempre foram acionados com antecedência para que pudessem se preparar também para descrever os objetos da cena ou a história e o contexto em que se passavam.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso de Gabriel mostra como o ensino de Jornalismo deve ser dinâmico e estar em constante transformação. Ensina-nos que como professores devemos estar atentos a adaptar nossas metodologias para que nosso educando possa, de fato, absorver o que buscamos transmitir, seja ele pessoa com deficiência ou aluno convencional.

A experiência do ensino com ferramentas adaptadas só nos faz perceber que mesmo como professores, ainda temos muito que aprender e que não deve haver dificuldade que não possa ser superada quando se trata de ensinar nossa profissão de jornalista, como ciência que é.

Creio que no futuro, cada vez mais teremos que nos adaptar aos nossos alunos, nos preparando não só para trabalhar com novas ferramentas que eventualmente possam surgir (computadores, aplicativos, dispositivos móveis, etc), mas, para manter a essência do ensino do Jornalismo como maneira de formação de profissional preparado para atuar nos diversos campos que existem e existirão.



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

O Gabriel é só a evidência de que essas adaptações são possíveis e perfeitamente aplicáveis, cabendo à nós, docentes, as mudanças de posturas que se façam inerentes ao processo de ensino e aprendizagem.

